

COMÉRCIO DO FUNCHAL

O CHICO DA «BANDA»

Um exclusivo da europa press especial para Comércio do Funchal



→ Chico Buarque e duas admiradoras francesas

... com as suas canções, Chico Buarque de Holanda soube descer dentro das pessoas simples, das pessoas que como ele ambicionam a felicidade de um sorriso de um gosto de ternura, de uma sociedade mais justa.

Chico é um adolescente de rosto melancólico e olhar verde-claro. Fala pouco, arrastando as palavras numa vontade grande de se esquivar às perguntas, à curiosidade, aos pedidos de autógrafos e de fotos, às respostas longas, a toda aquela situação ridícula de vedeta em moda.

Ele é apenas um rapaz que tem a paixão da música, dedilhada no seu violão como um ser vivo. E dos versos que lhe ocorrem quando está com ele em momentos de fuga.

Chico está na minha frente cercado por repórteres, microfones, máquinas, gravadores, câmaras, focos, gente, gente que surge de todos os lados a fazer perguntas, a estender papelinhos, cadernos, discos, revistas, nos quais o rapaz, de sorriso morto pelo cansaço, vai escrevendo o nome, cumprindo o velho e idiota ritual dos autógrafos, das entrevistas de ocasião, das fotos descoloridas.

— Componho música desde menino, em jeito de brincadeira. É sempre assim que se começa, pois é? Comigo também foi. Mas só agora é que me profissionalizei, depois do êxito das minhas últimas composições. Não deixei a arquitectura pela música, não, já tinha desistido dela antes de me decidir por esta.

Os dedos compridos apertam um cigarro que se esquece de fumar. Chico não tem tempo para meditar as palavras que lhe ambicionam... as frases, trocadas assim, de roldão, dificultam o diálogo. E Chico não gosta muito de falar. Entende-se melhor com os outros através da simplicidade, da alegria. Por isso canta versos que todos os homens entendem e escutam, que faz bem ouvir. Por isso brinca, ironiza, por isso sente uma grande ternura pelas pessoas e as pessoas por ele.

Chico tem 22 anos («fi-los em Junho do ano passado») é alto, magro, veste desportivamente — camisola fina e calça ligeiramente à boca de sino — usa os cabelos curtos, mostra-se tímido e não lembra nunca uma vedeta.

—Eu não sou vedeta e nunca me preocupei com o sucesso da minha música. Se houver sucesso, muito bem, isso é agradável, mas se não houver não me preocupo. O que me interessa é compor, é cantar... o êxito é secundário, não conta para mim como artista, pode contar, sim, mais tarde, como homem de negócios.

Olha-nos como a pedir que acreditemos.

Um hino de fraternidade



Chico Buarque de Holanda tornou-se célebre pelo amor que deu à sua «Banda», surgida de súbito com um hino de fraternidade e como uma esperança.

Ele, um dia, disse: «Não adianta conciliar pobre e rico, o negócio é não haver a distinção». «A Banda» é um pouco isso.

O êxito popular que alcançou no Brasil e em Portugal — que está a alcançar em quase todos os países — é uma prova de que o povo o identificou como um dos seus poetas. Chico canta a igualdade, a ternura humana, de uma maneira completamente diferente, sem demagogia nem ênfase. Com 22 anos soube descer dentro das pessoas simples, das pessoas que

João Gilberto



João Gilberto é talvez a maior revelação dos últimos dez anos no panorama da música ligeira brasileira. Foi ele o leader — como o poeta Vinicius de Moraes e o compositor Antônio Carlos Jobim — dessa verdadeira revolução no mundo da música popular que se chama BOSSA-NOVA. Entre o samba e o jazz moderno o BOSSA-NOVA operou uma síntese de extraordinária e inconfundível riqueza melódica cuja expansão cedo ultrapassou as fronteiras do Brasil estendendo-se a toda a América e à Europa.

Vicente Jorge Silva em JOÃO GILBERTO — AO RITMO NO CORAÇÃO revela-nos o delicado intimismo dessas canções que incompreensivelmente tão mal se conhecem entre nós, como, duma maneira geral, em Portugal.

Se nós portugueses atendessemos à frescura, à novidade e à autêntica, à riqueza e à qualidade que são coordenadas do movimento da música ligeira brasileira contemporânea — onde ao lado de João Gilberto se evidenciam nomes como os de Agostinho dos Santos, Elys Regina, Doris Monteiro, Ary Barroso, Sérgio Mendes ou o extraordinário Chico Buarque de Holanda — se fôssemos portanto sensíveis a esta tonificante lição que o Brasil nos traz, muito aprenderíamos no sentido de encontrar a via de superação do estado desolador do nosso panorama musical a que não faltam, no entanto tributos de grotesca consagração (cite-se o recente e elucidativo caso da Campanha da Sr.^a D. Cidália Meireles) numa clara manifestação de patriotismo da mediocridade.

Não se trata de imitar ou plagiar os exemplos da música brasileira — mas apenas de aprender com ela. Porque deixa de ser altamente significativo que as canções de João Gilberto sejam, afinal, infinitamente mais nossas, mais portuguesas, que a esmagadora maioria das expressões da música ligeira nacional, levadas ou não a festivais internacionais.

ao ritmo do coração

VICENTE JORGE SILVA

Sempre que ouço João Gilberto pergunto a mim próprio que sentimento profundo pode assim transfigurar a distância, os horizontes das viagens sempre sonhadas, na mesma terna e emocionante vibração. Não é a voz de outros lugares na sua fascinação estrangeira ou exótica que vem ao meu encontro: não é um apelo longínquo marcado de perturbante interrogação. A voz de João Gilberto, as canções que nos canta, não nos falam do mistério sedutor que essa terra escaldante de movimento, confusa de contrastes, rasgada de violência nos traz na melodia do samba. Não o Brasil qual terra de promessa, qual imagem que devoramos ardentemente no nosso sangue palpitante. Não esse Brasil que-vem-de-fóra, esse Brasil que nós sonhamos visitar um dia como num antigo devaneio da nossa infância. Não um Brasil-flecha-no-coração-da-nossa-melancolia. Não um Brasil que entra de roldão portas-adentro da nossa nostalgia. As canções de João Gilberto são toda outra coisa — toda outra coisa infinitamente nossa. Não algo que nos visita e nos faz evadir consigo — mas algo com que há já muito comungamos e vivemos.

O CHICO DA «BANDA»

como ele ambicionam a felicidade de um sorriso, de um gesto de carinho, de uma sociedade mais justa.

—Onde foi buscar isso tudo, Chico Buarque?

—Não tem explicação. Não sei onde me inspiro... a música e os versos surgem-me, acontecem naturalmente... o vosso Fernando Pessoa, que eu chamo de Fernando Gente, tem sido para mim uma fonte. Admiro imenso toda a sua obra, principalmente os poemas de Álvaro de Campos.

—E você, escreve poesia?

—Só a que canto. E essa surge-me quando componho a música. As duas coisas surgem ao mesmo tempo, não as posso desligar. Tenho a impressão de que me era impossível fazer versos para uma música e música para uns versos...

—Mas há o caso de «Morte e vida Severina»...

—Pois há. Eu às vezes componho apenas música. Foi o que aconteceu com a «Vida Severina», é o que acontece agora que estou compondo igualmente a música para a peça «O.A.» que o «TUCA» vai estreiar. Para mim isso tem muita importância porque me consi-



dero essencialmente um compositor. Aprendi a tocar violão sózinho, graças aos discos de João Gilberto que para mim é o maior artista brasileiro. E aprendi nessa altura a compor.

Perguntam-lhe pelo ié-ié, pelo samba, pela bossa nova, pela novíssima bossa-nova...

—Todos têm o seu público. Pessoalmente não gosto do ié-ié mas no Brasil tem muita popularidade. Eu não tenho ideias formadas sobre ele porque nunca me preocupou. O samba não está de nenhum modo ultrapassado. Não está agora em moda mas não morrerá nunca...

E perguntam-lhe quais os discos que prefere, os cançonetistas que prefere, os desportos que prefere (futebol), os espectáculos que prefere (teatro). E pedem-lhe para falar um pouco de si.

—Não receia que o êxito acabe por destruí-lo?

—Não porque dou uma importância muito relativa ao sucesso. Quero continuar a ser eu mesmo e espero consegui-lo. A minha vida particular não se alterou, as minhas composições procurarão caminhos inteiramente novos... não espero estagnar.

De novo o olhar verde-claro a pedir-nos que acreditemos. Ele quer continuar a ser o mesmo rapaz melancólico e simples, que se refugia na intimidade do seu pequeno apartamento de Copacabana, com o seu violão, os seus discos clássicos, o seu Fernando Gente, os amigos, o amor, a esperança.

Fernando Dacosta

João Gilberto — ao ritmo do coração

É a voz do outro lado do mar que é a nossa própria voz deste nosso lado do mar.

A voz da nossa nostalgia, da nossa melancolia, da nossa contemplação, da nossa tristeza, da nossa alegria, da nossa solidão — uma voz que tudo isso confunde e sublima de delicadeza, tão frágil como o bater do coração.

Canções de amor onde se fala da paz dum amor que chegou, de um você-e-eu, de uma ternura que a gente muito tempo sonhou — teimando em vir. Também a voz de um amor perdido ou iludido. A voz do esquecimento. A voz de algumas lágrimas suavemente, delicadamente derramadas. A voz da saudade que sufoca um coração apaixonado. A voz desses olhares que são-e-não-são. A voz do amor desconstruído, perplexo, interrogativo, desafinado. Ainda a voz de uma cândida ironia ou de uma serena evocação.

Assim essas canções são corpo vivo duma púdicia interioridade, dum secreto sentir, duma ternura tão branca e branda como a sua imensidade, de um bater de coração tão inquieto que só os mínimos nuances, os pequenos nada insinuantes, o gesto inapercebido mas carregado de alusão e significado, o olhar furtivo mas denso, que só eles, dizia, entendem e comungam.

João Gilberto reencontra as raízes íntimas da nossa insularidade

porque

«A nostalgia deve ter nascido numa ilha e só numa ilha se compreende integralmente o significado da distância» (1)

ou porque

«Aqueles que vivem junto ao mar são mais puros» (2)

Voz marítima pois, recolhida na sua fluidez aquática, a voz das coisas segredadas, das coisas que se dizem assim baixinho... Nela, o tempo suspende-se como uma espera. Porque as canções de João — de Joãozinho,

como lhe chamam os amigos — as canções com música de Jobim e versos de Vinicius de Moraes ou Ary Barroso, são esperas ansiosas ou confiantes, adiadas ou iludidas. O tempo é o ritmo do coração.

É assim que a pureza desta voz, esta voz feita quase do receio de se exprimir tão íntima se revela e se encontra conosco, é mais nossa, mil vezes mais nossa que a languidez quase doentia do fado. Entre o mar e o céu da ilha, entre o limite melancólico ou nostálgico da nossa ansiedade e do nosso sonho, João Gilberto fala timidamente à nossa intimidade — a uma intimidade demasiado nossa para permitirmos a outrém nos falar dela. É pois o milagre dessa violação que consentimos, desse diálogo que se vem abrir — e que tantas vezes recusamos — entre nós e o coração. E João Gilberto, canta-nos porém de um Brasil distante — e canta-nos como uma voz em que reconhecemos a nossa fragilidade a nossa delicadeza.

Da Europa ouvimos um Aznavour, um Adamo, uma Gréco, ou ainda mais intimamente o Jacques Brel ou o nosso Zeca Afonso. Mais ou menos próximos, mais ou menos afastados em sentimento, eles falamos-nos porém da sua intimidade num tom de confiança ou de desabafo. Com João Gilberto é difícil saber onde começam as suas confidências e os seus desabafos e onde acabam os nossos. Porque com ele compreendemos que ao contemplarmos os horizontes, ou ao irmos longe nos nossos sonhos de viajantes, começamos por nos descobrir a nós mesmos. E a beleza das suas canções se é assim emocionante e sincera é porque entre as palavras e a melodia ele soube percorrer a trajectória cristalina entre o amor e o seu lugar — entre nós e o coração.

(1) Ferreira de Castro

(2) Herberto Helder

canções de João Gilberto com música de António Carlos Jobim e letra de Vinicius de Moraes

A GAROTA DO IPANEMA

Olha que coisa mais linda
mais cheia de graça
é ela menina
que vem e que passa
num doce balanço
caminho do mar

Moça do corpo dourado
do sol de Ipanema
no seu balançado
é mais que um poema
é a coisa mais linda
que eu já vi passar

Ai porque estou tão sózinho
ai porque tudo é tão triste
ai a beleza que existe
a beleza que não é só minha.
Que também passa sózinha...

Ai se ela soubesse
que quando ela passa
o mundo sorrindo
se enche de graça
e fica mais lindo
por causa do amor.

CORCOVADO

Num cantinho um violão
e o amor duma canção
p'ra fazer feliz
a quem se ama.

Muita calma p'ra pensar
e ter tempo p'ra sonhar.
Da janela vê-se o Corcovado
o Redentor do Mundo...

Quero a vida sempre assim
com você perto de mim
até ao apagar da velha chama...
E eu era triste
descrente deste mundo
ao encontrar você
eu conheci
o que é a felicidade
meu amor

ESTE SEU OLHAR

Este seu olhar
quando encontra o meu
fala dumas coisas
que eu não posso acreditar...

Doce é sonhar
é pensar
que você
gosta de mim
como eu de você...

Mas a ilusão
quando se desfaz
dói no coração
de quem sonhou
sonhou demais
Ai se eu pudesse entender
o que dizem os seus olhos...

A COISA MAIS LINDA

A coisa mais bonita é você
Assim, justinho você
eu juro
eu não sei porque você
você é mais bonita que a flor
quem dera a primavera da flor
tivesse todo esse aroma de beleza
que é o amor
perfumando a natureza
numa forma de mulher.

Porque tão linda assim não existe a flor
nem mesmo a cor não existe
e o amor
nem mesmo o amor existe.

O GRANDE AMOR

Haja o que houver
há sempre um homem e uma mulher
e há-de sempre haver para esquecer
um falso amor
e uma vontade de morrer.

Seja como for
há-de vencer
o grande amor
que há-de ser
um coração
como um perdão
p'ra quem chorou.